

DOM WASHINGTON CRUZ, CP
ARCEBISPO METROPOLITANO DE GOIÂNIA

SÍNODO

ARQUIDIOCESANO

“O Amor de Cristo nos uniu!”

Goiânia-GO
2008

Série Cartas Pastorais:

Carta Pastoral n. 1 - A Igreja em Goiânia

Carta Pastoral n. 2 - Eucaristia - escola de amor ao próximo

Carta Pastoral n. 3 - Dia do Senhor - a Festa do Rei

Carta Pastoral n. 4 - Ensinai a todos os povos

Carta Pastoral n. 5 - Igreja - Casa e Escola de Comunhão

Carta Pastoral n. 6 - A Evangelização na Arquidiocese de Goiânia

Carta Pastoral n. 7 - Transformar as espadas em arados!

Carta Pastoral n. 8 - Sínodo Arquidiocesano: “O Amor de Cristo nos uniu!”.

Lista das siglas utilizadas neste documento:

AG - Decreto Conciliar *Ad Gentes*

CD - Decreto Conciliar *Christus Dominus*.

CL - Exortação apostólica *Christifidelis Laici*

CDC - Código de Direito Canônico

CIC - Catecismo da Igreja Católica

DA - Documento da V Conferência do CELAM - Aparecida, 2007.

DGAE - Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil
2006-2010.

EN - Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* - Paulo VI.

NMI - Exortação apostólica *Novo Millennio Ineunte* - João Paulo II.

O ADVENTO E A IMACULADA

1. O tempo do Advento é um tempo mariano por excelência. Maria está presente na vida do povo cristão, em todos os dias do ano, como a mãe está na vida diária de uma família. Mas o tempo do Advento é um tempo especialmente mariano por várias razões.

Primeiro, porque neste tempo celebramos com toda a Igreja a solenidade da Imaculada (8 de dezembro). E, além disso, porque durante o tempo do Advento o centro é Jesus Cristo que, sendo Verdadeiro Deus, entrou na história humana, no seio da Bem-Aventurada Virgem Maria, fazendo-se Verdadeiro Homem. Volver os olhos para Maria é sempre uma experiência gaudiosa, provocadora de júbilo em nossos corações. Contemplar a Virgem Maria constitui uma imediata preparação para Natal.

2. Maria é uma mulher humilde e singela. Sua grandeza não lhe vem de títulos humanos, nem de muito esforço de sua parte, mas do quanto Deus foi bom para com ela. Escolhida para ser a mãe de Deus, **a Morada do Altíssimo**, veio ao mundo livre de todo pecado. Isto a difere, sobremodo, de todos os mortais, já que viemos ao mundo como pecadores, pois o pecado original é uma realidade que pesa sobre todos nós desde quando nascemos. Contraímos este pecado, ainda que não o tenhamos cometido (CIC n. 404). Nascemos em estado de pecado, até o momento em que somos consagrados como filhos de Deus pelo batismo.

Maria é uma mulher desprovida de toda mácula. Maria foi redimida, mais do que nós e de maneira singular, pois sua redenção aconteceu preventivamente, antes mesmo de contrair o pecado original ou de cometer algum pecado pessoal. É, por isso mesmo, Imaculada.

3. Maria é **a mulher cheia da Graça**. Foi adornada por Deus com a plenitude de graça desde o princípio. Nós somos agraciados pela constante misericórdia de Deus, que nos perdoa e nos vai tornando

homens novos. E, com a graça, Maria recebe as virtudes em grau superlativo e os dons do Espírito Santo, que funcionam nela de forma habitual. Tudo isso para ser Mãe de Deus e nossa mãe. Ela é “*vida, doçura e esperança nossa*”.

Que, nestes dias do Advento, olhemos para Maria tal como a Igreja no-La apresenta: Imaculada, Virgem e Mãe, Assunta ao céu em corpo e alma.

4. Nas pinturas tradicionais da Anunciação, Nossa Senhora é representada em atitude de recolhimento orante, de silêncio meditativo, próprio de quem vive na presença de Deus. Hoje corremos o risco de perder a profundidade de uma vida interior. Somos condicionados pelo ruído constante, tentados pela dispersão, influenciados pelas banalidades e pelo vazio. Aprendamos com Nossa Senhora a preparar o Natal no recolhimento, na meditação, na escuta e na oração.
5. Maria acompanha a Igreja desde o seu princípio, em Jerusalém, em todos os lugares do mundo, e, de modo particular, na América Latina, no Brasil e em nossa Arquidiocese. Pensemos nas inúmeras igrejas, capelas, imagens, invocações e devoções marianas presentes em nossa Arquidiocese. Hoje, celebramos – com encanto, alegria e admiração plena – a solenidade da Sua Imaculada Conceição. Fazemos parte do coro das gerações que, ao longo dos séculos, a proclamaram Bem-Aventurada. N’Ela floresce a graça original com que Deus adornou a humanidade, desde a criação do mundo.
6. **Como és bela, Maria! A Imaculada Conceição é a imagem perfeita da Beleza.** Todos nós apreciamos a Beleza. Arrumamos os espaços com harmonia, cuidamos da aparência, preocupamo-nos com a apresentação exterior e com as modas. Muita gente se deixa seduzir pela beleza. Mas, a Beleza mais profunda e mais duradoura, aquela que mais enriquece a humanidade e que faz mais falta às pessoas é a beleza do coração. Beleza que transparece

nos gestos e no modo de viver de Maria, em sua Imaculada Conceição: a beleza da bondade, a beleza da humildade, a beleza do serviço.

Nossa Senhora, Mãe da Divina Beleza a nós revelada em Cristo Jesus, nos ensina as atitudes profundamente evangélicas e atuais para alcançarmos a beleza da santidade dos filhos de Deus.

7. Contemplando Nossa Senhora, compreendemos melhor a nossa vocação e a glória a que somos chamados. “*Ele nos escolheu antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor*” (Ef 1,4). Interiorizemos e assimilamos as suas atitudes. Ela realiza, de forma exemplar, o plano que Deus tem para todos nós: o de sermos “*santos e irrepreensíveis diante dele no amor*”, ou seja: consagrados ao Seu serviço, numa entrega total (santos) e distanciados dos caminhos da vaidade e do mal, para não nos deixarmos conduzir pelos critérios mundanos (irrepreensíveis).

Olhemos profundamente para Maria e reconheçamos, nela, a imagem perfeita da discípula missionária (DA, n. 364). Na Escola de Maria, aprendemos a estar sempre atentos à escuta do Mestre, ao que o Senhor tem a nos comunicar dentro das diversas realidades que vivemos em nossa Arquidiocese. “*Vão e façam discípulos meus todos os povos*” (Mt 28,19). Este é o grande imperativo missionário para a Arquidiocese de Goiânia.

Padroeira e protetora de nossa Igreja Particular, sob a invocação de Nossa Senhora Auxiliadora, Maria vela e intercede por nós. Aproximemo-nos dela em atitude de súplica por Sua intercessão. A ela peçamos por esta porção do povo de Deus, que somos nós, para que o Senhor nos livre de todos os perigos, conceda remédio aos enfermos, consolação aos tristes, perdão aos pecadores e que mande operários suficientes para a obra do Evangelho.

1ª PARTE

CONVOCAÇÃO DO 1º SÍNODO ARQUIDIOCESANO

8. Desde que recebi a missão de pastorear esta porção do Povo de Deus, ouvindo e conversando com uns e com outros, fui percebendo a necessidade de convocar uma assembleia especial, tempo que fosse, para nós, *“um ano da graça do Senhor”* (Is 61,2).

Contemplando a Jesus com o olhar de Maria - como nos ensinou o Servo de Deus João Paulo II - depois de ter refletido e rezado, consultado o Conselho Presbiteral, como prevê o Direito Canônico e após ter feito o primeiro anúncio na reunião geral do Clero de 1º/02/08, **com grande alegria e esperança,**

Convoco o 1º Sínodo da Arquidiocese de Goiânia, evento e caminho pastoral que envolverá, na unidade, todos os Vicariatos, todas as Paróquias e Comunidades, todas as instituições arquidiocesanas, todos os fiéis católicos, com validade para o triênio de 2009 a 2011.

9. Vários são os motivos que me levam à convocação deste Sínodo:
- a) Antes de tudo, entre os meios aptos para a sua renovação, a Igreja contou desde os primeiros séculos com a tradição dos Sínodos, tanto em nível universal, como regional e local. A este respeito, o Concílio Vaticano II expressou claramente o desejo de que *“o venerável instituto dos Sínodos e Concílios seja revigorado”* (CD, n. 36).
 - b) Ainda mais nítida é a formulação do Código de Direito Canônico, quando afirma: *“Celebre-se o sínodo diocesano em cada Igreja particular quando as circunstâncias o aconselharem, a juízo do Bispo diocesano e ouvido o conselho presbiteral”* (CDC, cân. 461 § 1º).

c) “O Concílio Vaticano II impulsionou uma nova época sinodal na Igreja (...) estou convencido de que é necessário voltar a essa experiência sinodal da Igreja” (cf. João Paulo II. *Discurso em Manila em 15/1/1995*). Entendo que, no alvorecer de seus 52 anos de fundação, chegou a hora de nossa Arquidiocese recorrer a esta instituição tão recomendada pela Igreja de ontem e de hoje, para a adequada renovação e atualização de sua vida e missão. O Sínodo, convenientemente celebrado, nos ajudará também na aplicação do que está indicado no Documento de Aparecida, para que o discipulado e a missão refloram na vida de todos os católicos e em nossas comunidades.

10. A convocação para celebrar um Sínodo Arquidiocesano tem por objetivo colocar-nos, junto com toda a Igreja, à escuta da Palavra de Deus e de Sua vontade, deixando-nos conduzir por Ele nesta hora de nossa história. O Sínodo fará as mesmas perguntas que os padres do Concílio Vaticano II fizeram. No nosso caso, a partir da nossa Arquidiocese, devemos nos indagar, eclesial e colegiadamente:

Igreja, que dizes de ti mesma? Onde estás?

Que caminho percorrer?

Que levar na bagagem?

Como crescer em comunhão?

Quais as prioridades evangelizadoras? (quais mediações e objetivos priorizar?).

11. Será o momento de nos perguntarmos, de uma maneira ampla e profunda: como estamos testemunhando e anunciando o Evangelho aos homens e às mulheres de nossa terra em suas mais diversas condições sociais e culturais? Será o momento de fazermos ainda aquelas mesmas perguntas que, há mais de trinta anos já se fazia Paulo VI:

“Até que ponto a nossa Igreja está apta para anunciar o Evangelho e para enxertá-lo no coração do homem com convicção, liberdade de espírito e eficácia?”

*A nossa Igreja está ancorada no coração do mundo
e ao mesmo tempo é suficientemente livre e independente
para interpelar o mundo?*

*A nossa Igreja dá testemunho da própria solidariedade
aos homens e, ao mesmo tempo, do absoluto de Deus?*

*A nossa Igreja tem progredido em ardor contemplativo
e em adoração e tem sido mais zelosa na atividade missionária,
caritativa, libertadora?” (EN, n. 4)*

12. Perguntas como estas não podem ser respondidas de qualquer modo, apenas com os percursos ordinários da nossa vida arquidiocesana. Elas nos pedem um instrumento extraordinário, como pode ser o Sínodo Arquidiocesano, para podermos tomar maior consciência do que está se passando em nossa Arquidiocese, e, assim, podermos buscar, juntos, realizar a vontade de Deus neste exato momento da nossa história.

Recordo aquilo que já mencionei na primeira Carta Pastoral que entreguei à Arquidiocese no dia 11/04/2004: “*Em testemunho de comunhão, a história vocacional e evangelizadora da Igreja em Goiânia tem na participação uma das mais ricas expressões de sua face. Entre as várias formas participativas, particular destaque mereceram e merecem as Assembleias Arquidiocesanas promovidas desde 1977. Nelas, pelo processo metodológico e pelo empenho eclesial, aprofundou-se a corresponsabilidade missionária e descortinaram-se novas luzes e horizontes”* (Carta Pastoral n. 1).

Ao longo de toda a sua jubilar história, a Igreja Arquidiocesana sempre esteve muito atenta aos sinais dos tempos. Soube dar, com coragem evangélica, um destemido testemunho de fidelidade a Jesus Cristo, sob o governo pastoral de Dom Fernando Gomes dos Santos e de Dom Antonio Ribeiro de Oliveira. E as Assembleias Arquidiocesanas serviram como importantes instrumentos pastorais que em muito ajudaram, a seu tempo, na ação missionária e evangelizadora da Igreja.

Hoje estamos aqui para darmos continuidade à história que herdamos. Continuidade operada na criatividade. Chegamos, assim, ao tempo presente, ao “hoje” da história. Alimentados pela rica experiência eclesial de outrora, coloquemo-nos atentos e abertos ao que o Espírito Santo suscita sempre na Igreja. Novo ardor, novos métodos, novas formas de evangelizar, afirmando a missão colegial da Igreja. Tudo isso deve se dar sob o impulso das atuais Diretrizes para a Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, do Documento de Aparecida e das grandes luzes que o magistério da Igreja lança para que avancemos para águas mais profundas, certos da presença do Ressuscitado.

Através das Assembleias do passado e do nosso futuro Sínodo, a Igreja Arquidiocesana nada mais pretende do que cumprir o mandato missionário: *“Ide, evangelizai”*. *E ensina-nos a CNBB nas atuais Diretrizes, iluminada pela Conferência de Aparecida: “Quem evangeliza se põe a serviço de seu ‘dinamismo de libertação integral, de humanização, de reconciliação e de inserção social’. Esse serviço pressupõe o respeito aos outros, o conhecimento de concepções de vida, de seus problemas existenciais [...] de suas alegrias e tristezas”* (DGAE, n. 51). E, só assim, num profundo diálogo com a realidade de hoje e atentos aos apelos do Espírito Santo para a nossa atualidade, é que *“será possível – continuam as Diretrizes – esclarecer as razões de nossa esperança e chegar ao anúncio do Evangelho, Palavra viva de Jesus”*.

13. É preciso, assim, recordarmos alguns dos grandes desafios presentes em nossa realidade, já apresentados também pelo Documento de Aparecida. Vivemos um tempo de grandes e profundas mudanças sociais, culturais, políticas e religiosas, que trazem **também profunda repercussão na prática da vida cristã**. Nossa Arquidiocese, com certeza, é também atingida por essas mudanças. O constante crescimento populacional, a existência e até o crescimento de um amplo mundo de marginalizados sociais, a turbulência que tem abalado a instituição familiar,

a desorientação por que passa a nossa juventude, a violência que cresce assustadoramente, sobretudo, entre os jovens e contra os jovens, o relativismo ético-moral observado em grandes faixas de nossa sociedade, particularmente entre as classes mais abastadas. Vemos o pulular constante de movimentos religiosos autônomos ou seitas, a falta de seriedade nos parlamentos e na administração da coisa pública. Estes e outros sinais e desafios vêm nos preocupando seriamente e estão a exigir de nós, no nível da pessoa, da comunidade e da sociedade, respostas sólidas e um convicto testemunho de fé. Não, porém, a partir de posturas ideológicas ou de posicionamentos conjunturais tomados apenas em razão do momento, mas sim, a partir de um encontro sincero com Jesus Cristo e conforme a missão que é própria da Igreja que Ele mesmo fundou.

A NATUREZA DE UM SÍNODO

O que não é um Sínodo?

14. Quando estudava filosofia, ouvi esta afirmação, atribuída a Santo Tomás de Aquino: *“Conhece-se bem uma coisa, conhecendo-a. Mas, a conheceremos melhor, conhecendo dela o contrário”*. Com a finalidade, pois, de termos clareza sobre a natureza de um Sínodo, faz-se necessário, primeiramente, pontuarmos o que ele não pretende e nem pode ser:
 - não é remédio ou panaceia infalível para tudo;
 - não é um lugar para reivindicações penderes. Nem para legislar sobre assuntos universais de Fé, Moral ou Liturgia – tais como o sacerdócio para a mulher, absolvições coletivas, celibato sacerdotal, comunhão dos divorciados e recasados civilmente;
 - não é um instrumento para buscar “receitas” pastorais novas, nem para que os presbíteros, nem para que os cristãos intelectuais discutam sobre tudo o que é humano e divino, nem para realizar uma tarefa de *marketing* pastoral ou de aparência apenas renovada, nem para privilegiar certos grupos, espiritualidades ou carismas específicos;

- não é algo que, obrigatoriamente, deva ser realizado tão-somente porque nos obrigam certos cânones;
- um Sínodo Arquidiocesano não é convocado simplesmente para dar cumprimento à nossa vontade ou às nossas ideias particulares;
- não é um método para pretender atrair os católicos que se encontram afastados da vida eclesial, nem para promover alguém, nem para entreter as pessoas, nem para nos cansarmos, olhando com nostalgia o passado; não é, sequer, uma boa oportunidade para uma catequese de adultos;
- não há de ser momento para começarmos a partir do “zero”, reinventando a Igreja de novo, nem, tampouco, para repetirmos fórmulas eclesiais que já não servem.

O que é um Sínodo?

15. ***“É uma assembleia de sacerdotes e de outros fiéis escolhidos da Igreja particular, que auxiliam o Bispo diocesano para o bem de toda a comunidade diocesana”*** (CDC, cân. 460).

“A palavra “sínodo” vem do grego sun + hodos e aponta para uma caminhada em conjunto.

Uma caminhada não é um desfile em que cada um se apresenta com toda a sua beleza, querendo chamar a atenção dos outros e ser escolhido como ganhador de um concurso. Numa caminhada as pessoas não competem, vão na mesma direção e têm a mesma motivação.

Uma caminhada também não é uma marcha em que todos andam em filas certinhas, no mesmo ritmo, na mesma cadência, batendo o pé no chão o mesmo instante. Numa caminhada, cada um anda com um passo diferente.

Uma caminhada também não é uma corrida em que o importante é a velocidade. Uma caminhada pode durar dias e, tratando-se de um sínodo, vários anos.

Quando você participa de uma caminhada, você tem a oportunidade de conversar com muita gente porque nem todos caminham no mesmo ritmo. Conversando com pastorais, movimentos, ministérios etc., você expõe seu ponto de vista e acolhe o ponto de vista dos outros. E assim cada um terá condições melhores de opinar sobre aquilo que diz respeito a todos.

Um sínodo tem como objetivo olhar toda a vida de uma diocese e chegar a conclusões, inclusive elaborar normas que visem a maneira mais correta de desempenhar a missão da Igreja. Supõe estudo dos documentos da Igreja e diálogo entre todos os segmentos para descobrir como melhor exercer nossa missão evangelizadora.” (Mons. João Daiber).

16. Desta forma, podemos entender o que é um Sínodo:

- a) **É uma convocação do bispo** que exerce sua “*episcopé*”, em nome de Cristo, Cabeça, Servo e Pastor. A partir da presidência da celebração eucarística, a Assembleia por excelência, o bispo faz uma convocação (“*ekklesia*”) aos fiéis para redescobrirem o mesmo Cristo, o melhor Mistério que temos e, assim, serem fortalecidos na comunhão e na missão.

Como a Visita Pastoral, o Sínodo é uma mediação privilegiada do mesmo e único governo do Bispo para insistir no contínuo chamado à missão e à renovação de estruturas pastorais. Tudo deve ser realizado com uma convicção eclesiológica já sinalizada por Tertuliano: “*Nada sem o bispo; nada sem vosso conselho; nada sem a vontade decidida de ser e de sentirmos, todos, a única Igreja*”.

- b) É um processo pastoral e orgânico, um evento muito especial para o qual o bispo chama à **participação todos os estados de vida cristã**: sacerdotes, diáconos, religiosos, leigos. Os sacerdotes, é claro, são convocados de um modo todo especial, em razão de sua vinculação sacramental e de estreita colaboração com a ordem episcopal. “*De fundamental importância para a nova evangelização é a efetiva colaboração entre as diversas*

vocações, os diferentes ministérios, os vários apostolados e carismas suscitados pelo Espírito, quer aqueles dos Institutos religiosos tradicionais, quer os que brotaram em tempos mais recentes, graças a novos movimentos e associações laicais” (João Paulo II. Homilia: *Assembleia Sinodal dos Bispos para a América, em 12/12/97*); fiéis de uma Igreja particular que, em comunhão de vocações e carismas, buscam novos caminhos de evangelização, para a hora presente, desde a conversão pessoal e a renovação de estruturas pastorais”. **O Sínodo é, pois, um caminho de conversão pessoal, de comunhão eclesial e de projeção pastoral a ser percorrido em conjunto.**

- c) **Um Sínodo é muito mais do que uma expressão democrática ou participativa na Igreja: é uma reunião de irmãos no Espírito.** Por isso, não devem triunfar nem a pressa, nem as pressões, nem as tensões, nem posturas pessoais ou partidarismos de grupos. Temos a certeza de que a realidade diocesana e pastoral não apenas se deve contemplar com os olhos da carne (humanos), mas com os olhos do Espírito (os olhos profundos da fé), deixando-se para trás qualquer ponto de vista, pensamento ou sentimento que sejam simplesmente humanos. Situamo-nos na perspectiva oferecida pela docilidade ao Espírito e pela obediência da fé. Bento XVI nos diz que a *“libertação fundamental que a Igreja pode nos dar é permanecer no horizonte do eterno”*.
- d) **Sínodo é a experiência de uma Igreja sempre a caminho, como mistério de comunhão para a missão.** A comunhão se entende em duas dimensões: da humanidade com Deus e dos homens entre si. E a Missão, hoje, recebe o nome de evangelização: *“com novo ardor, novos métodos e novas expressões”*. Independentemente das conclusões a que chegemos, o simples fato de nos colocarmos a caminho e de caminharmos juntos, na escuta do Senhor e abertos ao seu Espírito, reconhecendo-nos uns aos outros como membros do Povo de Deus, cada um com seus carismas, em diálogo respeitoso e afetuoso, estudando e discernindo as mesmas

questões, será um belo sinal do que é a nossa Igreja. Este será um fruto maduro da nossa comunhão eclesial.

O Sínodo serve para mostrar a todos que a Igreja viva é aquela que realiza sua missão no mundo, revelando o rosto de Jesus Cristo no mundo de hoje e chamando os homens para viverem em Cristo, Caminho, Verdade e Vida.

- e) No Sínodo, nossas comunidades falarão, rezarão, celebrarão e se comprometerão. **O Sínodo deverá ser o coração e o motor de toda a vida arquidiocesana.** Em alguns casos, fortalecendo e confirmando o que já se vinha fazendo; em outros, orientando e abrindo novos caminhos e horizontes. Será também uma preciosa oportunidade de incorporar ao dinamismo eclesial muitos membros da Igreja, sem dúvida gente de valor, mas que, talvez, na hora de se comprometer, ficam um tanto passivos. Pode ser, também, inclusive, uma oportunidade para aproximar da Igreja tantas pessoas que estão afastadas, mas que se sentem inquietas e que aceitariam iniciar um processo de busca e de reflexão.
- f) No processo sinodal são importantes e, até mesmo, indispensáveis alguns elementos, tais como **a informação, o estudo, a oração, a conversão, o diálogo, o respeito mútuo, o amor, a disponibilidade para acolher os desejos do Senhor.** Tudo isso contribuirá, por si mesmo, para garantir a vida cristã e a comunhão eclesial, e torná-las mais sólidas. Sobretudo, irmãos padres, peço-lhes oração, reflexão e conselho.
17. Na verdade, a Igreja sempre se encontra em estado sinodal. Nossa Arquidiocese, assim como toda a Igreja, ***“é enviada, existe para caminhar no tempo e no espaço, anunciando e testemunhando o Evangelho até os confins extremos da terra”*** (João Paulo II, 12/12/97). Tudo isso, neste início de novo milênio, procurando conhecer os sinais dos tempos, no contexto deste povo e desta terra, a fim de ser, realmente, uma Igreja com diversos carismas, vocações,

ministérios e funções. A Igreja está sempre “em viagem”, “a caminho”. E, nesse caminhar, o nosso Sínodo será um sopro de ar fresco, uma primavera, um novo Pentecostes para a nossa Arquidiocese.

18. **“Como vamos saber o caminho?”** (Jo 14,5). Todos nós nesta Arquidiocese precisamos levantar, colocarmo-nos em pé, para vivermos nesse horizonte e descobrir o que Nosso Senhor deseja de nós, hoje. Isto supõe ir além dos limites do nosso saber e de nosso fazer habitual, para entrarmos na sabedoria de Deus, deixando-nos guiar por seu Espírito. Na hora de estabelecer prioridades e propostas sinodais, devemos ter no coração as palavras do Apóstolo Paulo: *“Não vos conformeis com os critérios deste mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir o que é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito”* (Rm 12,2). *“Vivei como filhos da luz”* (Ef 5,9); *“Deixai-vos conduzir constantemente pelo Espírito”* (Rm 8,2). Sem medos, porque sabemos quem está no timão. *“Não vos conformeis com este mundo”*. Deixemo-nos transformar e renovar pelo Espírito do Senhor, para podermos discernir o que Deus quer, o que lhe agrada, o que é bom ou melhor para a nossa Igreja Arquidiocesana. Por isso também escutamos as palavras do Apóstolo São João: *“Não acrediteis em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus”* (1Jo 4,1).

19. *“Como discípulos de Jesus, reconhecemos que Ele é o primeiro e o maior evangelizador enviado por Deus (cf. Lc 4,44) [...] Com a alegria da fé, somos missionários para proclamar o Evangelho de Jesus Cristo e, n’Ele, a boa nova da dignidade humana, da vida, da família, do trabalho, da ciência e da solidariedade com a criação”* (DA, n. 103). Eis aí, certamente, grandes luzeiros que poderão iluminar os caminhos do nosso Sínodo e a nossa ação pastoral e evangelizadora de uma Igreja Arquidiocesana que vive, ainda hoje, sob o influxo do espírito jubilar.

20. Rogo-lhes pedir, humilde e confiantemente, a luz do Espírito Santo e a intercessão da Virgem Maria, Nossa Senhora Auxiliadora,

padroeira de nossa Arquidiocese. Invoquemos também a intercessão dos santos brasileiros: Santa Paulina, Santo Antônio de Santana Galvão, Santo Inácio de Azevedo e Companheiros Mártires, o Bem-aventurado Anchieta e outros mais recentes. Que esses Santos de nossa terra nos sustentem nesta ousada tarefa para o bem da nossa Igreja.

2ª PARTE

CONHEÇAMOS OS OBJETIVOS DO SÍNODO

21. O Bem-aventurado João XXIII escreveu uma carta ao episcopado alemão, autografada no dia 11 de janeiro de 1961: *“Quisemos o Concílio para que a Igreja, consolidada na fé, confirmada na esperança, mais ardente na caridade, floresça com um novo e jovial vigor; defendida por santas instituições, seja mais enérgica e livre para propagar o reino de Cristo”*. Medindo bem a distância entre o Vaticano II e a nossa Assembleia Sinodal, as palavras do Santo Papa não deixam de ser bonitas, sugestivas e iluminadoras indicações para os nossos trabalhos sinodais. Como o são, também, as palavras de João Paulo II, convocando-nos a uma nova evangelização: *“A Igreja deve dar hoje um grande passo à frente na sua evangelização, deve entrar numa nova etapa histórica de seu dinamismo missionário”* (CL, n. 35).
22. O Sínodo da Arquidiocese de Goiânia tem como finalidade geral revitalizar a fé e a vida cristã de todos os fiéis à luz do Evangelho, do Vaticano II, do Magistério da Igreja e das atuais Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, aplicando em nossa Igreja Particular as orientações da Carta Apostólica *“Novo Millennio Ineunte”* e da V Conferência do Episcopado Latino-Americano, realizada em Aparecida. E, assim, dispor a nossa Arquidiocese para uma forma mais adequada de presença e de ação pastoral em comunhão, consideradas as novas circunstâncias de nosso tempo e do imediato futuro.

Que seja a Fé, em toda sua grandeza, a guia e o impulso da renovação eclesial de que precisamos.

23. Sem pretender esgotar a complexidade que marca a vida de nossa Arquidiocese, existem elementos eclesiológicos que carecem, certamente, de maior aprofundamento. Não obstante essa constatação, convido-os a refletir, a rezar e a comprometer-se de modo especial com três objetivos específicos para o Sínodo Arquidiocesano.

1º objetivo: Mergulhar no mistério da Igreja

24. Em primeiro lugar, conhecer com clareza o mistério da Igreja, e sua missão essencial deve se tornar a grande alegria da nossa vida como membros que somos do Corpo de Cristo. *Esta Igreja que eu amo é o título de um belo livro de Yves Congar, teólogo do Concílio Vaticano II, que diz: “A Igreja deve ser amada porque é a nova corporeidade de Cristo. Porque é o ícone da Trindade. A Igreja deve ser amada na sua totalidade: na totalidade do seu mistério, na totalidade das suas estruturas, na totalidade dos seus membros, a começar (obviamente) pela cabeça. Quem fraciona a Igreja e fica apenas com o que lhe apraz não a ama de verdade. Não é lícito parcializar o amor. A Igreja deve ser amada na sua totalidade, na sua plenitude”.*

Um outro grande filho da Igreja, o Cardeal Henri De Lubac, também perito do Concílio, que muito sofreu na Igreja e pela Igreja, num ímpeto poético e místico elevou este hino a Ela, qual “*casa de luz e fonte de esplendor*”:

Ó Santa Igreja de Deus, mãe casta que nos infundes e nos conservas sempre uma fé íntegra, que nenhuma decadência humana, nenhum desmoronamento espiritual, por quanto profundo possa ser, poderá jamais manchar, nem ofuscar.

Ó Mãe fecunda que, sem cessar, nos doas novos irmãos.

Ó Mãe universal, que cuidas de todos igualmente; que te preocupas com os pequeninos como com os grandes, com os ignorantes como com os sábios, com o humilde povo das paróquias como com o rebanho das almas consagradas.

Ó Mãe veneranda, que conservas a herança dos séculos e tiras para nós tesouros de coisas antigas e sempre novas.

Ó minha Mãe Igreja, Mãe paciente, que nos repreendes sem nunca cansar-Te com infinita bondade e ternura e que recolhes os fios da unidade e da união que os Teus filhos dilaceraram continuamente.

Ó Mãe vigilante, que sempre nos proteges contra o inimigo, que continuamente ruge em torno de nós buscando a quem devorar.

Ó Mãe amorosa, que nos atraís a Ti para encaminhar-nos ao encontro com Deus, que é todo Amor.

Ó Mãe ardorosa, que infundes no coração dos Teus melhores filhos um zelo sempre atento e os envias por toda parte, quais mensageiros de Jesus Cristo.

Ó Mãe sábia, que nos manténs longe das intemperanças sectárias, dos entusiasmos enganadores, seguidos, às vezes, por bruscas vira-voltas. És Tu que nos ensinas a amar tudo aquilo que é verdadeiro, justo e a não rejeitar nada antes de tê-lo examinado.

Ó Mãe forte, que nos exortas a combater com Cristo e a testemunhá-lo, luz do mundo e Salvador da humanidade.

Sê bendita, ó Mãe de benevolência, por tudo aquilo que nos doas, por tudo aquilo que nos ensinas, por tudo aquilo que nos comunicas!

Ó Mãe Santa, Mãe única, Mãe Imaculada, ó grande Mãe! Igreja Santa, verdadeira Eva, única Mãe dos viventes, paraíso do tempo: faz-me viver sempre em Ti, como filho da luz!

25. Em segundo lugar, como base de toda renovação, precisamos permitir que se **fortaleça e se intensifique a vida que brota da**

própria Igreja, memória e presença, quer dizer, a vida sobrenatural, dom de Deus Uno e Trino, a vida do espírito, a vida interior. Esta terá de centrar-se em nossa permanente conversão a Jesus Cristo e ao seu radical seguimento como nosso único Senhor, Salvador, Rei e Pastor. Tudo o mais, incluindo a nós mesmos, deve encontrar seu valor pela relação com Ele. Esta comunhão nos levará a cuidar mais e melhor da vida litúrgica, das celebrações, sobretudo da Eucaristia, e, muito especialmente, do Domingo, Dia do Senhor, dos Sacramentos, da Palavra de Deus, da oração. Maria, a Mãe do Senhor, Mãe de nossa Igreja e mãe nossa, ocupará o lugar que Lhe corresponde e a devoção popular encontrará o seu lugar próprio, como derivação, complemento e ajuda na vida litúrgica.

2º objetivo: Formar discípulos missionários

26. Em consonância com a Conferência de Aparecida, temos de comprometer-nos com a reanimação e intensificação da nossa vocação de discípulos missionários.

O Servo de Deus, Paulo VI, já dizia: *“A Igreja sabe-o bem, ela tem a consciência viva de que a palavra do Salvador – ‘Eu devo anunciar a Boa Nova do reino de Deus’ – se lhe aplica com toda verdade. Nós queremos confirmar, uma vez mais ainda, que a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja”*. (cf. EN, n. 14)

Esta tarefa e esta missão “se tornam ainda mais urgentes ante as amplas e profundas mudanças da sociedade atual. Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na Santa Missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa ressurreição” (Idem, n. 14).

27. Falta, ainda, muito a ser realizado para que Jesus Cristo seja, efetivamente, conhecido, amado e seguido no nosso mundo atual. **A grande tarefa, a solene missão, desde o início da história da Igreja, foi a de apresentar Cristo como a suprema ação salvífica de Deus**, para que, as pessoas do nosso tempo escutando, creiam, reconheçam seus pecados e se voltem para Deus; sejam batizados e incorporados à comunidade; recebam o Espírito Santo como fonte e garantia de uma nova maneira de viver, no amor, na paz, na esperança e na alegria.

O livro dos Atos dos Apóstolos narra a belíssima história da primeira evangelização apostólica e da expansão da Igreja. Inspiremo-nos nesse *“primeiríssimo modelo apostólico”*. O Senhor nos chama a crer n’Ele, a converter-nos a Ele e a anunciá-lo. Devemos anunciar Jesus Cristo, oportuna e inoportunamente, testemunhando com a vida inteira a salvação recebida e esperada.

28. Nessa tarefa, não podemos esquecer a luta pela justiça, pela libertação, pela solidariedade e pela paz, pois, pela fé, o homem acolhe Deus em todas as dimensões de seu ser e em todos os âmbitos de sua existência. **Tudo isso é expressão da caridade cristã**. Temos a necessidade de integrar em uma unidade vivente o conhecimento da fé, sua vivência e sua pedagogia. Porque, sem o conhecimento da fé, não existe transmissão da Boa Notícia de Jesus Cristo. Sem a vivência não existe testemunho existencial da bondade de Deus, de Sua graça e de Seu amor. E, sem uma pedagogia, não conseguiremos imitar o proceder de Deus, que se adapta a cada pessoa e a cada circunstância. Saber conjugar o convencimento pessoal a uma atitude de profundo respeito à consciência de quem escuta, fomentar o diálogo e acompanhamento, bem como distinguir entre proposição e imposição, são tarefas essenciais para se conseguir realizar a missão e anunciar Jesus Cristo.

Assim, *“na verdade não haverá mudança nem da cultura, nem das estruturas sociais sem a conversão da pessoa, a partir do núcleo*

profundo do seu ser, de sua consciência, ‘sacrário do homem onde ele está sozinho com Deus e onde ressoa a sua voz’” (Evangelificação e Missão Profética, Doc. n. 80-CNBB, p. 28).

29. A missão exige, pois, testemunhas, homens e mulheres que saibam por experiência pessoal o que significa “*crer*”. Não pode anunciar Jesus Cristo quem não se encontrou com Ele. Evangeliza o santo, porém também aquele que quer sê-lo: sem o contato com o Senhor, não se dá uma evangelização convincente e perseverante.

30. A presença de Deus no mundo e no homem, manifestada plenamente em Jesus Cristo, é necessária. Porque é urgente mudar o coração do ser humano para que aceite a Deus e, por sua vez, a todos os homens. Esta atitude, que provoca uma transformação radical na vida de cada pessoa, não pode ser forçada, nem imposta. É preciso buscá-la, oferecendo a experiência de Deus com gratuidade absoluta. Hoje, a Igreja tem que percorrer com o homem o mesmo itinerário que Jesus percorreu com seus discípulos e que, de forma muito bonita, nos é descrita no texto da Transfiguração do Senhor. O mesmo Senhor que levou Pedro, Tiago e João a uma alta montanha, quer fazer esse itinerário com todos os homens, também conosco, membros da Igreja que caminhamos por estas terras goianas. Creio que voltar a realizar esse itinerário é sempre apaixonante para a Igreja e, concretamente, para a nossa Arquidiocese de Goiânia. Olhando para o mundo com os olhos de Jesus, a Igreja desvela as injustiças que degradam e mercantilizam nosso tempo. Defender, aqui e agora, tantos homens e mulheres cujos direitos são violados, torna-se um imperativo que o Evangelho nos entrega e do qual nos encarrega, precisamente quando vemos Jesus defendendo a dignidade do ser humano e mostrando-nos Deus como o Autor desta mesma dignidade.

“A Igreja faz a opção pela vida, mergulhando nas profundezas da existência humana: o nascer e o morrer, a criança e o idoso, o adolescente e o jovem, o sadio e o enfermo, o recém-nascido e o envelhecido, o excluído, o renegado e o jogado à margem da

dignidade humana. Opção pelos pobres e opção pela vida não são duas realidades distintas. Ao contrário, estamos diante de um período fecundo, no qual se fortalece ainda mais o compromisso diário que brota do Evangelho” (DGAE, n. 142).

31. Atenção especial deveremos dar aos setores da Família e da Juventude, por meio de uma Pastoral na qual o anúncio querigmático (DA, n. 279), a formação da fé e o compromisso com a promoção e a defesa da vida terão de ocupar um lugar preferencial. A nossa região é afetada por um forte processo de neopaganismo, erigindo e prestando culto a outros deuses, que, para muitos, ocupam o lugar do Senhor. A CNBB, no Documento n. 87, afirma: *“Os adolescentes e os jovens (...) são fortemente influenciados por falsas ilusões de felicidade e pelo paraíso enganoso das drogas, do prazer, do álcool e de todas as formas de violência”. E “um olhar atento haverá de ser dirigido à família, patrimônio da humanidade, lugar e escola de comunhão, pequena Igreja doméstica e local para a iniciação cristã das crianças. Tão grande é sua importância que deve ser considerada um dos eixos transversais de toda a ação evangelizadora” (DGAE, n. 122 e 128).*
32. Deveremos, igualmente, dar destaque à Pastoral Vocacional, em todas as suas expressões e carismas, desde a vocação matrimonial, o ministério presbiteral, o ministério diaconal, a vida consagrada, a vida missionária e os carismas de especial dedicação ao próximo aos vários ministérios leigos.

Necessária e urgente se faz, em nossa Arquidiocese, uma pastoral que também prime pela presença mais comprometida e testemunhal dos nossos católicos nas mais complexas e diversas realidades temporais: política, econômica, laboral, cultural, educacional, midiática, judiciária, de saúde, entre outras.

3º objetivo: Viver a comunhão

33. Viver a comunhão, a comunidade, a unidade. Palavras que Jesus repete hoje. Do Concílio Vaticano II emergiu a exigência de uma espiritualidade de comunhão, que em muitos momentos foi invocada por Paulo VI (“*A Igreja é unidade, é caridade*”), por João Paulo II e, agora, por Bento XVI. É justamente a unidade a característica da nossa Igreja. O Documento de Aparecida, no IV Capítulo, trata quase que exaustivamente, da “*Comunhão dos Discípulos Missionários na Igreja*” (n. 154 e ss).
34. Nesse sentido, permito-me citar a experiência de Chiara Lubich, falecida a 14 de março deste ano. Essa experiência pessoal e comunitária de Chiara muito tem ajudado a Igreja na redescoberta do Evangelho das origens. Chiara e suas primeiras companheiras descobrem no Testamento de Jesus, “*para que todos sejam um*”, o porquê de suas vidas. É uma “*página de luz*” que se abre em um momento escuro da história: a Segunda Guerra Mundial. Como realizar a unidade em um mundo tão dilacerado pelo ódio e pela violência? É um questionamento que se torna oração. A resposta se encontra em outra “*página de misterioso sofrimento*”, escrita pelo Filho de Deus que, na cruz, chega a gritar contra o abandono de seu Pai, para reunir os homens e levá-los ao Criador.
35. A medida do amor mútuo, que gera a unidade, encontra-se neste ápice de amor. Uma unidade que torna visível a presença do Ressuscitado no lugar onde cada pessoa vive: na família, nos bairros, nas fábricas, nos parlamentos. Quando o Ressuscitado está entre nós, como Ele prometeu, quando dois ou três que se reúnem em seu nome, ou seja, no seu amor, de alguma maneira experimenta-se o divino, a sua paz, a sua luz, o seu amor, a unidade!

Chiara Lubich testemunha: “*Foi justamente quando acreditávamos estar simplesmente vivendo o Evangelho que o Espírito Santo esculpiu com caracteres de fogo nas nossas almas*”

aqueles que seriam os pontos fundamentais da 'Espiritualidade da Unidade', uma espiritualidade nova, ao mesmo tempo pessoal e comunitária" (Palavra de Vida, Editora Cidade Nova, Várzea Grande-SP.).

36. Quem tem uma boa razão pela qual valha a pena dar a sua vida é sempre capaz de descobrir também uma boa e forte razão para viver. E aqui a questão do “*perder a vida para ganhá-la*” é, mais uma vez e absolutamente, uma verdade. E nesse horizonte se conjugam e se cruzam o dia-a-dia das pequenas coisas e as opções fundamentais como seu pano-de-fundo. De fato, não nos será muito fácil encontrar um sentido para a vida, se não nos dermos o trabalho de nos oferecermos à vida para viver. *A priori*, portanto, a confiança e a objetividade, o otimismo e o realismo são componentes de uma vida em comunhão.
37. As primeiras comunidades cristãs e, depois, toda a Tradição Sagrada compreenderam bem esta bondade de Jesus. Toda a vida de Jesus está centrada no amor. E as primeiras gerações, precisamente porque viram Jesus viver e morrer, puderam acreditar na força do amor que é mais forte do que a morte. É esta vida que se manifesta como verdadeira revelação de Deus: renunciar à autossuficiência, lavar os pés aos irmãos, assumindo a condição de servidor para com o próximo, reconhecer a alteridade daquele que é o próximo, ao ponto de amá-lo com inteligência, favorecendo os sentimentos de acolhimento e de amor para com os estranhos ou mesmo os inimigos, e vivendo o amor e a caridade sempre sob o signo da gratuidade: eis o que é a vida cristã, que tem o seu fundamento em Cristo, uma vida segundo a vontade de Deus.
38. É de suma importância **aprofundar a comunhão em nossas relações no interior da Igreja e, a partir da Igreja, no mundo que nos rodeia**. A ajuda do Senhor é fundamental para que esse objetivo seja alcançado. Temos sempre de melhorar na comunhão. É uma nova visão e perspectiva das coisas que têm de nascer, por fidelidade a Cristo e à Igreja. O Concílio Vaticano II possibilitou à

Igreja uma imensa e vastíssima reflexão sobre a sua identidade, sua missão e o seu lugar no mundo. Somos livres para resistir-lhe, somos livres para mudar. Mas não é possível perspectivar, na atualidade, a Igreja sem que seja a partir do mistério de comunhão. Na origem do ser Igreja está uma profunda e fundamental experiência de comunhão. A comunhão tem de ser formada e, constantemente, alimentada. Sem isso, ninguém entenderá o que queremos, por exemplo, quando rezamos pelas vocações.

Sabemos que somos filhos do único Pai, discípulos do mesmo e único Senhor e Mestre, Jesus Cristo, membros de seu Corpo, que é a Igreja. Alentados por seu Espírito, alimentados pelo Pão da Vida, chamados à mesma missão e ao mesmo destino final, temos de esmerar-nos em viver a comunhão em sua realidade profunda e em todas as suas manifestações, como expressão de nossa condição de filhos de Deus e de irmãos. Essa comunhão tem de tornar-se realidade patente nas relações entre os filhos e as filhas da Igreja, na diversidade de carismas, ministérios, vocações e estados de vida. Comunhão que se estabelece e cresce entre os fiéis – leigos e leigas –, os membros da Vida Consagrada e os ministros ordenados, bem como nas diferentes instituições, organizações, pastorais e serviços eclesiais. De capital importância e de comprovada eficácia são, a este respeito, os conselhos existentes nos distintos níveis eclesiais. A nossa experiência de comunhão que, por brotar da abundância da vida que é o próprio Senhor, deve projetar-se para a nossa relação com os irmãos cristãos de outras tradições religiosas e culturais. Tal comunhão deverá ultrapassar as fronteiras do mundo cristão e projetar-se para os crentes de outras religiões e para os não-crentes. Este é um dos maiores desafios missionários que já fora colocado para a Igreja desde o Concílio Vaticano II.

39. **O Ecumenismo e o diálogo inter-religioso devem nos impulsionar à ação caritativa e social em suas diversas formas,** em favor das crianças, dos pobres, dos anciãos, dos enfermos, dos migrantes, dos refugiados, dos dependentes químicos, dos

encarcerados etc. De nossa parte, comecemos pela acolhida fraterna, a esses nossos irmãos em nossa Arquidiocese, em nossas paróquias, comunidades, organizações e em nossa ação pastoral.

Jesus Cristo confronta-nos constantemente acerca do sentido da nossa vida. Na feliz expressão de Dietrich Bonhoeffer – pastor e teólogo luterano, martirizado, por enforcamento, em um campo de prisioneiros na Alemanha, no ano de 1945 –, Jesus é definido como o “*homem para os outros*”: a sua vida é marcada pelo dom de si, pelo serviço ao próximo, pela dedicação à construção da comunhão. O Evangelho de Marcos já nos surpreende com uma afirmação radical de que Jesus fez bem todas as coisas: fez os surdos ouvirem e os mudos falarem (Mc 7, 37). E Pedro, resumindo, afirma que Jesus passou a vida fazendo o bem ao outro, curando-o e libertando-o (Cf. At 10, 38).

Antes de sua Páscoa, Jesus rezou ao Pai com estas palavras tão bonitas: “...*para que sejam um, como nós somos um: eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como tu me amaste*” (Jo 17,22-23).

40. Demos graças ao Divino Pai Eterno porque o Sínodo nos oferece a possibilidade, de um modo mais nítido, de que esta oração de Jesus, pela graça e força de seu Espírito, torne-se realidade no meio de nós.

Passos a serem dados

41. Tal como nos dizia o Papa João Paulo II e continua nos lembrando Bento XVI, **uma nova evangelização só pode ser realizada com novo ardor, novos métodos e expressões**. Para tanto, é também necessário entrar por um caminho de intensa e forte preparação, que nos leve a ver com clareza as direções, os temas centrais que nossa Igreja Arquidiocesana tem de assumir e trabalhar para anunciar aos homens de nosso tempo a Boa Notícia, fiéis ao Magistério da Igreja.

42. Ao anunciar a celebração de um Sínodo em nossa Igreja arquidiocesana, **convoco a todos para começar, neste ano ainda, a primeira fase de sua realização, no tempo de preparação espiritual** que, como diz o Papa Bento XVI, é apropriado para se tomar a decisão mais importante: ser Igreja. Sermos e sentirmo-nos Igreja – *ekklesia* – é tão importante, tão transcendental, que repercute na estrutura de toda nossa vida e possibilita-nos aprofundar a busca da comunhão para realizar a missão. É uma opção básica, sem a qual não se pode empreender um caminho de nova evangelização.
43. Neste tempo de preparação espiritual, temos de nos alimentar dos mesmos fundamentos sob os quais se baseou a primeira comunidade cristã no início do anúncio do Evangelho: deixemo-nos ser chamados pelo Senhor à conversão! Para isso, será necessário que nos deixemos conquistar o coração por Jesus Cristo; que saiamos de nossa escuridão, e nos volvamos à esperança; que confiemos no Senhor, não teoricamente, mas existencialmente; que O descubramos realmente presente e vivo em sua Igreja.

Para isso, utilizemos os meios necessários que nos permitam realizar esse caminho, de tal maneira que todos os cristãos que estão nos municípios que integram a Arquidiocese de Goiânia, inclusive na zona rural, sintam-se chamados a participar. Verificaremos que esse chamado do Senhor leva-nos sempre à unidade, à concórdia, à convivência, nos introduz no discipulado e nos pede a transmissão da fé.

44. Vejamos o caminho sinodal como um ato de amor para com Deus e para com o homem, como um grande empenho partilhado a fim de continuarmos fiéis ao projeto de Deus e de servirmos à pessoa humana em nosso tempo!

Serão três os passos que daremos na realização do Sínodo Arquidiocesano:

- 1º – Preparação espiritual, que iniciamos a partir de hoje;
- 2º – Tempo de elaboração e de trabalho de proposições;
- 3º – Assembleia Sinodal.

45. Três eixos estruturam nosso caminhar: a **Palavra de Deus**, que é preciso escutar, a **Liturgia**, que havemos de celebrar e contemplar, e o compromisso da **Caridade**, do amor e da solidariedade, que havemos de mostrar como consequência da acolhida da Palavra e do alimentar-se da Eucaristia.

Faremos memória dos diversos planos pastorais até aqui, e da força participativa que todos os cristãos manifestaram no anúncio de Jesus Cristo. Recordaremos, também, como o ensino social da Igreja interpelou a consciência de tantos goianos como ordem para o reconhecimento e o cumprimento dos deveres da justiça e da caridade na vida social e como os cristãos incorporaram, em suas existências, a luz da verdade moral.

3ª PARTE

“SIGAMOS EM FRENTE COM ESPERANÇA!”

46. Iniciemos o nosso caminho sinodal com atitude de esperança, como nos sugere a Exortação Apostólica Novo Millennio Ineunte: *“Sigamos em frente, com esperança! Diante da Igreja abre-se um novo milênio como um vasto oceano onde aventurar-se com a ajuda de Cristo. O Filho de Deus, que encarnou há mais de dois mil anos por amor do homem, continua também hoje em ação: devemos possuir um olhar perspicaz para a contemplar, e sobretudo um coração grande para nos tornarmos instrumentos dela”* (NMI, n. 58).

47. Peça-mos ao Senhor que nos ensine a edificar uma Igreja, centrada em Jesus Cristo. É a Ele que queremos e servimos; é o seu Reino que nos mobiliza, o seu amor que nos fortalece. Queremos a Ele, como ponto de partida, como companheiro da nossa peregrinação, como termo da nossa fidelidade. Só construímos a Igreja, porque Ele a deseja e ama, como expressão e lugar da salvação. Como Bispo, gostaria de não lhes falar de nada mais a não ser de Jesus Cristo, pois, reconduzindo todas as coisas a Ele, podemos falar de tudo, falando d'Ele.

Uma Igreja centrada em Jesus Cristo é:

48. **Uma Igreja que se apaixona por Ele**, que O quer conhecer e amar sempre mais, que contempla o Seu rosto, que deseja a Sua intimidade. Somos uma Igreja que O escuta como Palavra e sabedoria de Deus. Palavra escutada em adoração, em que se aprende a conhecer Deus e o Seu desígnio. Palavra que converte a Igreja e a envia. O desinteresse pelas Sagradas Escrituras é o desinteresse pelo próprio Jesus Cristo. Uma Igreja que busca o rosto do Senhor é uma Igreja que vive da Eucaristia e para a Eucaristia. Aí somos oferentes com Cristo e, com Ele, nos transformamos em oferta de louvor. Aí nos comprometemos, com o nosso dom, na redenção atual do mundo contemporâneo. Aí adoramos o Senhor e, no convívio silencioso, deixamos que Ele nos revele, não apenas o Seu rosto, mas o Seu coração.

49. **Uma Igreja que experimenta o mistério da comunhão** e sabe que a sua fonte é a comunidade trinitária, por Jesus Cristo, é uma Igreja que se rejuvenesce continuamente no entusiasmo evangelizador do anúncio. Nada torna a evangelização tão comovente e fecunda como ser ela não apenas o enunciar de uma convicção, mas o testemunho de uma experiência apaixonante e libertadora.

50. **Uma Igreja que ama a Jesus Cristo, que com Ele celebra a Páscoa e constrói a comunhão na ousadia do amor**, uma Igreja

que testemunha vivendo e daí parte a anunciar essa experiência que vale a pena, é uma Igreja que pertence ao Senhor. Ela é Igreja de Jesus Cristo, e Ele é o Senhor da Igreja e, nesse sentido de pertença, ela descobre a sua vocação à santidade. Não se pode ser de Jesus Cristo sem amar, sem viver como Ele deseja. Não queremos apenas uma Igreja culta, operosa na sua intervenção social, generosa no cumprimento dos preceitos, bela na sua liturgia, piedosa na sua oração. Queremos isso tudo e mais, porque queremos construir a Igreja de Jesus Cristo, a Igreja que Cristo deseja e ama, a Igreja que Ele conduz, como peregrina, para o banquete das núpcias eternas.

51. **Uma Igreja que ama a Eucaristia e nela encontra a fonte inesgotável do seu vigor espiritual** é uma Igreja que descobre a comunhão como antecipação do Reino, vence generosamente todos os obstáculos, saboreia a riqueza da variedade de dons na unidade da caridade, aprofunda todas as suas concretizações e expressões, e repete sempre a exultação do salmista: *“como é belo e bom viver harmoniosamente com os irmãos.”*

52. A Igreja é apresentada também como **“Templo do Espírito Santo”**: é o Espírito que nos reúne para formarmos *“um só corpo”*. Ele é a **alma** da comunidade eclesial. A cada dia a Igreja nasce do alto, do Espírito do Senhor, que torna cada pessoa capaz de viver como crente (At 5,32). A presença do Espírito é um fato perene na Igreja. A Constituição *Lumen Gentium* (n. 4) assim o afirma, com verbos densos de mistério: *“O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis como num templo. Neles reza e dá testemunho..., unifica a Igreja na comunhão e no ministério, a dirige mediante os diversos dons hierárquicos e carismáticos. E adorna-a com Seus frutos. Pela força do Evangelho, Ele rejuvenesce a Igreja, renova-a perpetuamente e leva-a à união consumada com seu Esposo. Pois, o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: ‘Vem’. Desta maneira aparece a Igreja toda como ‘o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo’”*. Essas palavras nos enlevam e nos consolam.

53. **A Igreja que está em Goiânia deseja, com o Sínodo, ir ao encontro de cada cristão e de cada pessoa de boa vontade, e falar-lhe da sua amizade e da sua esperança.** *“Ao ver Jesus a multidão, teve compaixão dela”* (Mt 9,36). Todos os homens sentem necessidade da companhia de Jesus e da Igreja: sua memória e presença. Abramos nossas vidas à graça de Deus, para ter uma relação intensa e franca com a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, abrindo nossa existência à ação do Espírito Santo. É o Espírito Santo quem dirige a Igreja, e temos de estar abertos a Ele e à ação que Ele pratica em nós. Já São Paulo o reconhece na Carta aos Coríntios: *“Ninguém é capaz de dizer ‘Jesus é Senhor’ a não ser pela ação do Espírito Santo”* (1Cor 12,3). O Espírito Santo realiza na Igreja a obra da salvação, que as nossas melhores capacidades humanas são incapazes de realizar. Toda a vida cristã é obra do Espírito Santo. Ignorá-lo é esvaziar a vida cristã do Seu mistério e da Sua beleza profunda. *“Sem o Espírito Santo, Deus fica longe; Cristo permanece no passado; o Evangelho é letra morta; a Igreja é uma simples organização; a autoridade é um poder; a missão é propaganda; o culto, uma velharia; e o agir moral, um agir de escravos”* (Patriarca Atenágoras).

54. Essa ação do Espírito Santo exprimiu-se, sobretudo, na fecundidade sacramental da Igreja. É o Espírito que realiza a Eucaristia, atualizando, por meio da Igreja, a oferta pascal de Cristo. Antes da consagração, o sacerdote assim reza: *“santificai estes dons, derramando sobre eles o Vosso Espírito, para que se tornem, para nós, o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo”*. É por Ele que a Igreja perdoa os pecados: *“Dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: ‘Recebei o Espírito Santo; a quem perdoardes os pecados, serão perdoados’”* (Jo 20,23). Todo o agir e toda a fecundidade da Igreja são sobrenaturais por natureza. Esquecê-lo é reduzir a Igreja a uma dimensão natural, como se fosse uma obra das nossas mãos, ainda que exprima o melhor do que somos capazes.

Essa ação misteriosa, porque sobrenatural, do Espírito Santo não se justapõe à ação humana da Igreja. Antes a eleva, conduzindo-a

à sua verdade total. É assim com a pregação e com o testemunho apostólico: a nossa palavra humana, por mais sincera e convicta que seja, é incapaz de comunicar a fé. Esta é fruto da ação do Espírito que exprime, através da palavra humana, a Sua capacidade de transformar os corações.

55. É, sobretudo, assim com o amor. Amar é a mais bela das capacidades humanas. Mas o amor humano é chamado a transformar-se em caridade, isto é, a maneira de Deus de amar derramada nos nossos corações. Confundir o amor humano com a caridade é o mais grave sinal de quem não conta com a novidade da ação do Espírito na sua vida. Mas, pela ação do Espírito Santo, o amor humano torna-se caridade. E o que dizer da ação do Espírito na nossa busca de fidelidade e de autenticidade? Nas dificuldades, Ele é força; nas dúvidas, é luz; no desânimo, é alento; no sofrimento, é consolação; na morte, é esperança; na tristeza, é promessa de alegria. Ele está sempre em ação, no concreto da nossa vida, como presença amorosa de Deus, manifestação da solicitude de Jesus Cristo, nosso Bom Pastor.

56. **No vigor do Ano Paulino**, alentados pelo ardor missionário do “Apóstolo das gentes”, a Igreja invoca solenemente o Espírito Santo, “dom celestial” de que nos fala São Paulo na Carta aos Hebreus (6,4). O mesmo Dom que Deus deu aos apóstolos no dia de Pentecostes. Pois o Espírito plasma, molda a Igreja e, nela, nossa Arquidiocese, como outrora atuou na Criação (cf Gn 2,7). Confiemos plenamente na graça benfazeja do Espírito de Deus, para que o Sínodo Arquidiocesano seja, para toda a diversidade eclesial da Igreja local, também uma nova criação.

57. **Rezemos com fé, pois é quando rezamos que melhor captamos o desejo de Deus.** Peçamos ao Senhor que conduza a nossa Igreja pelos caminhos da santidade, e que Maria, Mãe de Jesus e Mãe da Igreja, aquela que Deus assumiu na Sua realidade trinitária como a nenhuma outra criatura, seja nossa intercessora, nossa guia e nosso

modelo, nossa Mãe e nossa Irmã, porque ela é a Mãe da Igreja.

58. Um grave pecado que se pode cometer é o de deixar-se levar pelo desânimo e pela falta de coragem; é pecado grave porque parece que confiamos a nossa existência a êxitos humanos e não ao Senhor Jesus! A atitude de esperança não é um ingênuo “Deus proverá”, mas é, sobretudo, a atitude de quem sabe que o Senhor continua a atuar. O Bem-aventurado João XXIII, na abertura do Concílio Vaticano II, perguntava-se o porquê de tantos “profetas de desventuras”.

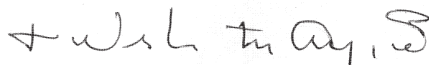
O Senhor, na verdade, fundou sua Igreja para nos entregar a Boa Notícia: a alegria de descobrir que Deus nos ama, que há esperança, que há presente e há futuro, que Deus oferece permanentemente ao homem sua misericórdia, nunca estancada, que sempre é possível um começo regenerador para cada ser humano, por mais baixo que ele tenha chegado, e que, enfim, o homem nunca poderá perder sua condição de imagem de Deus e de ouvinte da Palavra.

59. Acredito que a humanidade, unida a Cristo, tem um futuro certo. Mas a Igreja precisa de homens e mulheres em que a humildade e a obediência não sejam menores do que a paixão pela verdade; homens e mulheres que amem a Igreja mais do que a comodidade de seu próprio destino, de suas opiniões, de seus saberes, ou de seus critérios pessoais. O que a Igreja mais precisa é de cristãos que vivam com a mesma convicção e esperança que teve a Igreja desde seus momentos iniciais.

60. Que Deus nos ajude a amar com amor sincero a nossa Igreja, Esposa de Cristo, sem pretensões de resolver todos os problemas, mas enfrentando as questões principais e procurando resolvê-las, certos de que o Senhor não cessará de acompanhar-nos ao longo deste caminho.
61. Que a Sagrada Eucaristia, que celebramos todos os dias, atualize em nós e entre nós a presença de Jesus Cristo, nosso Bom Pastor

ontem, hoje e sempre. A Eucaristia é o sacrifício perfeito. Porque é o sacrifício de Cristo, que não ofereceu “*touros nem cabritos*”, mas deu a Sua vida e se entregou à morte por todos nós. É este “*o sacrifício agradável a Deus*”, porque é a oblação de toda a Igreja, que unida a Cristo, oferece ao Pai um mesmo e único sacrifício de louvor. Para iniciar este caminho sinodal, peçamos ao Divino Pai Eterno que, pelo sacrifício de Seu Filho na Cruz, derrame sobre a nossa Arquidiocese a força e as luzes do Espírito Santo. Amém!

Arquidiocese de Goiânia, 8 de dezembro de 2008
Solenidade da Imaculada Conceição



Dom Washington Cruz, CP
Arcebispo Metropolitano de Goiânia

ANEXO

CONGREGAÇÃO PARA OS BISPOS
CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS

INSTRUÇÃO SOBRE OS SÍNODOS DIOCESANOS

19 de março de 1997

PROÊMIO

Na Constituição Apostólica «*Sacrae disciplinae leges*», com a qual era publicado o atual Código de Direito Canônico, o Santo Padre João Paulo II recordava que, entre os principais elementos que caracterizam, de acordo com o Concílio Vaticano II, a verdadeira e genuína imagem da Igreja está «a doutrina, segundo a qual a Igreja é apresentada como Povo de Deus e a autoridade hierárquica é proposta como serviço; a doutrina segundo a qual a Igreja é vista como “comunhão” e que, portanto, determina as relações que devem existir entre as Igrejas particulares e a Igreja universal, e entre a colegialidade e o primado; a doutrina, por outro lado, segundo a qual todos os membros do Povo de Deus, no modo próprio a cada um, são participantes do tríplice múnus de Cristo: sacerdotal, profético e régio»¹.

No seu compromisso de fidelidade ao ensinamento conciliar, o Código de Direito Canônico conferiu, entre outras coisas, uma fisionomia nova à instituição tradicional do *sínodo diocesano*, para o qual, de vários modos, convergem os traços eclesiológicos recordados acima. Os cânones 460-468 apresentam as normas jurídicas a serem observadas para a celebração desta reunião eclesial.

Ultimamente, sobretudo depois da promulgação do Código de Direito Canônico, aumentou o número de Igrejas particulares que celebraram ou que se propõem a celebrar o sínodo diocesano, reconhecidamente um importante meio para atuar a renovação desejada pelo Concílio (...) Por outro lado, nos últimos decênios, foram aparecendo também outras formas para exprimir a comunhão diocesana, conhecidas por vezes como «assembléias diocesanas»; embora tendo aspectos em

comum com os sínodos, elas carecem de uma precisa configuração canônica.

Considerou-se muito oportuno, em relação ao sínodo diocesano, esclarecer as disposições da lei canônica, bem como desenvolver e determinar os procedimentos para a sua colocação em prática², embora mantendo em plena vigor o que foi disposto pelo Código de Direito Canônico. É sumamente desejável que também as «assembléias diocesanas» ou outras reuniões, na medida em que têm semelhança de fins e de composição com o sínodo, encontrem o seu lugar no âmbito da disciplina canônica, graças à acolhida das disposições canônicas e da presente Instrução, para garantir a sua eficácia para o governo da Igreja particular.

(...)

I. INTRODUÇÃO SOBRE A NATUREZA E A FINALIDADE DO SÍNODO DIOCESANO

O cânon 460 descreve o sínodo diocesano como uma «assembléia (“*coetus*”) de sacerdotes e de outros fiéis da Igreja particular, escolhidos para auxiliar o Bispo diocesano para o bem de toda a comunidade diocesana»⁴.

1. *A finalidade do sínodo* é a de prestar um auxílio ao Bispo no exercício da função que lhe é própria, de guiar a comunidade cristã.

Tal finalidade determina o papel específico a ser atribuído no sínodo aos presbíteros, enquanto «solícitos colaboradores da ordem episcopal, seu auxílio e instrumento, chamados para servir o povo de Deus»⁵. Mas o sínodo também oferece ao Bispo a ocasião de chamar para colaborar com ele, juntamente com os sacerdotes, alguns leigos e religiosos escolhidos, como um modo peculiar de exercício da responsabilidade de todos os fiéis na edificação do Corpo de Cristo⁶.

Também no desenrolar do sínodo o Bispo exerce o ofício que lhe foi confiado para governar a Igreja: decide a convocação⁷, propõe as questões para a discussão sinodal⁸ e preside as sessões do sínodo⁹; enfim, como único legislador, assina as declarações e os decretos e manda que sejam publicados¹⁰.

Deste modo, o sínodo é, «no seu contexto e de maneira inseparável, ato de governo episcopal e evento de comunhão, exprimindo assim aquela índole de comunhão hierárquica que é própria da natureza da Igreja»¹¹. O Povo de Deus, de fato, não é um agregado informe de discípulos de Cristo, mas uma comunidade sacerdotal, organicamente estruturado desde a origem, conforme a vontade do seu Fundador¹², presidido em cada diocese pelo seu Bispo, que é o seu princípio visível e fundamento da unidade e seu único representante¹³. Portanto, qualquer tentativa de contrapor o sínodo ao Bispo, em virtude de uma pretensa «representação do Povo de Deus», é contrária à autêntica impostação das relações eclesiais.

2. Os sinodais são chamados a «prestar ajuda ao Bispo diocesano»¹⁴, formulando o seu *parecer ou «voto»* acerca das questões por ele propostas; tal voto é chamado «*consultivo*»¹⁵ para significar que o Bispo é livre para acolher ou não as opiniões manifestadas pelos sinodais. Isto, contudo, não é o mesmo que dar-lhes pouca importância, como se se tratasse de mera consultação «externa» e de opiniões expressas por quem não tem nenhuma responsabilidade pelo êxito final do sínodo: com suas experiências e seus conselhos, os sinodais colaboram ativamente na elaboração das declarações e dos decretos, que serão, justamente, chamados «sinodais»¹⁶, e nos quais o governo episcopal da diocese deve inspirar-se para o futuro.

O Bispo, por sua vez, dirige efetivamente as discussões durante as sessões sinodais e, como verdadeiro mestre da Igreja, ensina e corrige, quando necessário. Depois de ter ouvido os membros, cabe a ele a função de discernir sobre os diversos pareceres expressos, isto é, «examinar e conservar o que é bom»¹⁷. No final do sínodo, na assinatura

das declarações e dos decretos, o Bispo *empenha a sua autoridade* em tudo aquilo que neles se ensina e ordena. O poder episcopal é atuado, deste modo, em conformidade com o seu significado autêntico, isto é, não como imposição de uma vontade arbitrária, mas como um verdadeiro ministério, que requer «ouvir os súditos» e «chamá-los a colaborarem alegremente com ele»¹⁸, na busca comum daquilo que o Espírito está a pedir à Igreja particular na sua situação concreta.

3. *Comunhão e missão*, enquanto são aspectos inseparáveis do único fim da ação pastoral da Igreja, constituem o «bem de toda a comunidade diocesana», que o cânon 460 aponta como a finalidade última do sínodo.

Os trabalhos sinodais têm como objetivo fomentar a comum adesão à doutrina salvífica e estimular todos os fiéis ao seguimento de Cristo. Uma vez que a Igreja é «enviada ao mundo para anunciar e testemunhar, atualizar e expandir o mistério de comunhão que a constitui»¹⁹, o sínodo também cuida de favorecer o dinamismo apostólico de todas as energias eclesiais sob a guia dos legítimos pastores. A consciência de que toda renovação na comunhão e na missão tem como indispensável premissa à santidade dos ministros de Deus, deve levar a um vivo esforço no sínodo para melhorar o modo de vida e a formação do clero, como também ao estímulo das vocações.

O sínodo, portanto, não somente manifesta e atua a comunhão diocesana, mas também é chamado a «*edificá-la*» com as suas declarações e os seus decretos. É necessário, por isso, que o Magistério universal seja operosamente acolhido nos documentos sinodais e a disciplina canônica seja aplicada à diversidade própria daquela determinada comunidade cristã. Com efeito, o ministério do Sucessor de Pedro e o Colégio Episcopal não são uma instância estranha à Igreja particular, mas um elemento que faz parte, «a partir de dentro», da sua própria essência²⁰ e constitui o fundamento da comunhão diocesana.

Deste modo, o sínodo contribui também para configurar a fisionomia pastoral da Igreja particular, dando continuidade à sua peculiar tradição litúrgica, espiritual e canônica. O patrimônio jurídico local e as linhas que orientaram o governo pastoral são objeto de acurado estudo do sínodo, com o fim de confirmar, atualizar ou de preencher as eventuais lacunas normativas, de verificar a consecução dos objetivos pastorais já formulados e de propor, com a ajuda da graça divina, novas orientações.

(...)

III. CONVOCAÇÃO E PREPARAÇÃO DO SÍNODO

A. *Convocação*

1. O sínodo diocesano pode ser celebrado «quando as circunstâncias o aconselharem, a juízo do Bispo diocesano e ouvido o conselho presbiteral»³⁴. Compete portanto ao Bispo a prudente escolha e decisão sobre a frequência maior ou menor do sínodo, tomando em consideração as necessidades da Igreja particular e do governo diocesano.

(...)

Uma vez que o Bispo tiver percebido a conveniência de convocar o sínodo diocesano, ele pedirá ao conselho presbiteral – que é a representação do presbitério para ajudar o Bispo no governo da diocese³⁵ – um juízo ponderado sobre a celebração e sobre o tema, ou os temas, que deverão ser estudados no sínodo.

Definido o tema do sínodo, o Bispo fará o decreto de convocação e o anunciará à sua Igreja, normalmente numa festa litúrgica de especial solenidade.

(...)

C. *Fases de preparação do sínodo*

Antes de tudo, os trabalhos preparatórios do sínodo devem ajudar o Bispo a individuar as questões a serem propostas às discussões sinodais.

É preciso, no entanto, destacar que é conveniente organizar esta fase de maneira a atingir e envolver – de vários modos e conforme as circunstâncias – *as diversas instâncias diocesanas e iniciativas apostólicas* presentes na Igreja particular. Deste modo, os trabalhos sinodais traduzir-se-ão num «adequado tirocínio prático da eclesiologia de comunhão do Concílio Vaticano II»⁴² e, além disso, os fiéis serão bem dispostos a aceitar «aquilo que os Pastores, quais representantes de Cristo, estabelecerão como mestres e chefes da Igreja»⁴³ no final do sínodo.

(...)

IV. DESENVOLVIMENTO DO SÍNODO

1. *O sínodo propriamente dito* consiste exatamente nas sessões sinodais. É preciso, por isso, buscar um equilíbrio entre a duração do sínodo e a da fase preparatória; por outro lado, é preciso programar as sessões com intervalos de tempo suficientes para estudar as questões levantadas na sala e para intervir na discussão.

2. Uma vez que «*Quibus communis est cura, communis etiam debet esse oratio*»⁴⁹, a celebração mesma do sínodo leve à oração. (...)

Convém que as sessões do sínodo – ao menos as mais importantes – sejam realizadas na igreja catedral. Esta é, de fato, sede da cátedra do Bispo e imagem visível da Igreja de Cristo⁵¹.

3. Antes do início das discussões, os sinodais farão *a profissão de fé*, segundo a norma do cânon 833, 1^o⁵². O Bispo não deixe de ilustrar este

ato significativo para estimular o «*sensus fidei*» dos sinodais e para inflamar nos seus corações o amor em relação ao patrimônio doutrinal e espiritual da Igreja.

(...)

V. AS DECLARAÇÕES E DECRETOS SINODAIS

1. Terminadas as sessões do sínodo, o Bispo procede à *redação final* dos decretos e das declarações, assina-as e ordena a sua publicação⁶⁰.

2. Com as expressões «decretos» e «declarações», o Código prevê que os textos sinodais possam consistir, por um lado, em *verdadeiras normas jurídicas* – que poderão ser chamadas «constituições» ou de outro modo – ou então em *indicações programáticas* para o futuro; por outro lado, que possam consistir em *afirmações convictas* de verdades de fé ou de moral católica, especialmente nos aspectos de maior incidência na vida da Igreja particular (...)

Notas

(1) Const. Ap. *Sacrae disciplinae leges*, 25 de janeiro de 1983 (AAS 75/II (1983) VII-XIV).

(2) Cf. cân. 34 § 1.

(4) «coetus delectorum sacerdotum aliorumque christifidelium Ecclesiae particularis, qui in bonum totius comunitatis dioecesanæ Episcopo dioecetano adiutricem operam praestant».

(5) Const. Dogm. *Lumen Gentium*, n. 28; cf. Decr. *Presbyterorum Ordinis*, nn. 2 e 7.

(6) Cf. Const. Dogm. *Lumen Gentium*, nn. 7 e 32; cf. cân. 463 § 1-2.

(7) Cf. cân. 461 § 1 e 462 § 1.

(8) Cf. cân. 465.

(9) Cf. cân. 462 § 2.

(10) Cf. cân. 466.

(11) JOÃO PAULO II, *Hom.* 3 de outubro de 1992, em *L'Osservatore*

- Romano*, N. 41, edição portuguesa de 11 de outubro de 1992, 3-4.
- (12) Cf. Const. Dogm. *Lumen Gentium*, n. 11.
- (13) Cf. *ibidem*, n. 23.
- (14) Cân. 460.
- (15) Cf. cân. 466.
- (16) Cf. cân. 466 e 467.
- (17) Const. Dogm. *Lumen Gentium*, n. 12; cf. 1Ts 5,12.19-20.
- (18) Cf. *ibidem*, n. 27.
- (19) Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Carta aos Bispos da Igreja Católica *Communio notio*, 28 de maio de 1992, em AAS 85 (1993) 838-850, n.4.
- (20) Cf. *ibidem*, n. 13.
- (34) Cân. 461 § 1.
- (35) Cf. cân. 495 § 1.
- (42) JOÃO PAULO II, *Aloc.* 29 de maio de 1993, em *L'Osservatore Romano*, N. 23, edição portuguesa de 6 de junho de 1993, 1 e 4.
- (43) Const. Dogm. *Lumen Gentium*, n. 37.
- (49) «*Caeremoniale Episcoporum*», n. 1169.
- (51) Cf. Const. Ap. *Mirificus eventus*, 7 de dezembro de 1965, em AAS 57 (1965) 945-951.
- (52) Cf. AAS 81 (1989) 104-105, que traz o texto da profissão de fé que deve ser usada no sínodo.
- (60) Cf. cân. 466.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO

DOCUMENTO DE APARECIDA
Texto conclusivo da
V Conferência Geral do Episcopado
Latino-Americano e do Caribe
13-31 de maio de 2007

167. O amadurecimento no seguimento de Jesus e a paixão por anunciá-lo requerem que a Igreja particular se renove constantemente em sua vida e ardor missionário. Só assim pode ser, para todos os batizados, casa e escola de comunhão, de participação e solidariedade. Em sua realidade social concreta, o discípulo tem a experiência do encontro com Jesus vivo, amadurece sua vocação cristã, descobre a riqueza e a graça de ser missionário e anuncia a Palavra com alegria.
169. A diocese, presidida pelo Bispo, é o primeiro espaço da comunhão e da missão. Ele deve estimular e conduzir uma ação pastoral orgânica renovada e vigorosa, de maneira que a variedade de carismas, ministérios, serviços e organizações se orientem no mesmo projeto missionário para comunicar vida no próprio território. Esse projeto, que surge de um caminho de variada participação, torna possível a pastoral orgânica, capaz de dar resposta aos novos desafios. Porque um projeto só é eficiente se cada comunidade cristã, cada paróquia, cada comunidade educativa, cada comunidade de vida consagrada, cada associação ou movimento e cada pequena comunidade se inserem ativamente na pastoral orgânica de cada diocese. Cada uma é chamada a evangelizar de modo harmônico e integrado no projeto pastoral da Diocese.
244. A própria natureza do cristianismo consiste, portanto, em reconhecer a presença de Jesus Cristo e segui-lo. Essa foi a maravilhosa experiência daqueles primeiros discípulos que, encon-

trando Jesus, ficaram fascinados e cheios de assombro frente à excepcionalidade de quem lhes falava, diante da maneira como os tratava, coincidindo com a fome e sede de vida que havia em seus corações. O evangelista João nos deixou plasmado o impacto que a pessoa de Jesus produziu nos primeiros discípulos que o encontraram, João e André. Tudo começa com uma pergunta: «O que procuram?» (*Jo* 1,38). A essa pergunta seguiu o convite a viver uma experiência: «Venham e verão» (*Jo* 1,39). Essa narração permanecerá na história como síntese única do método cristão.

245. No hoje do nosso continente latino-americano, levanta-se a mesma pergunta cheia de expectativa: «Mestre, onde vives?» (*Jo* 1,38), onde te encontramos de maneira adequada para «abrir um autêntico processo de conversão, comunhão e solidariedade?» (Ex. Ap. *Ecclesia in América*, n. 8). Quais são os lugares, as pessoas, os dons que nos falam de ti, que nos colocam em comunhão contigo e nos permitem ser discípulos e missionários teus?
246. O encontro com Cristo, graças à ação invisível do Espírito Santo, realiza-se na fé recebida e vivida na Igreja. Com as palavras do papa Bento XVI, repetimos com certeza: «A Igreja é nossa casa! Esta é nossa casa! Na Igreja Católica temos tudo o que é bom, tudo o que é motivo de segurança e de consolo! Quem aceita a Cristo: Caminho, Verdade e Vida, em sua totalidade, tem garantida a paz e a felicidade, nesta e na outra vida!» (BENTO XVI, Disc. em Aparecida, 12 de maio de 2007).
281. Chegar à altura da vida nova em Cristo, identificando-se profundamente com Ele e sua missão, é um caminho longo que requer itinerários diversificados, respeitosos dos processos pessoais e dos ritmos comunitários, contínuos e graduais. Na diocese, o eixo central deverá ser um projeto orgânico de formação, aprovado pelo Bispo e elaborado com os organismos diocesanos competentes, levando em consideração todas as forças vivas da Igreja particular: associações, serviços e movimentos, comunidades re-

ligiosas, pequenas comunidades, comissões de pastoral social e diversos organismos eclesiais que ofereçam a visão de conjunto e a convergência das diversas iniciativas. Requerem-se também equipes de formação, convenientemente preparadas que assegurem a eficácia do próprio processo e que acompanhem as pessoas com pedagogias dinâmicas, ativas e abertas. A presença e contribuição de leigos e leigas nas equipes de formação traz uma riqueza original, pois, a partir de suas experiências e competências, eles oferecem critérios, conteúdos e testemunhos valiosos para aqueles que estão se formando.

366. A conversão pessoal desperta a capacidade de submeter tudo ao serviço da instauração do Reino da vida. Os bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas, são chamados a assumir atitude de permanente conversão pastoral, que implica escutar com atenção e discernir «o que o Espírito está dizendo às Igrejas» (Ap 2,29) através dos sinais dos tempos em que Deus se manifesta.
367. A pastoral da Igreja não pode prescindir do contexto histórico onde vivem seus membros. Sua vida acontece em contextos sócio-culturais bem concretos. Essas transformações sociais e culturais representam naturalmente novos desafios para a Igreja em sua missão de construir o Reino de Deus. Daí nasce, na fidelidade ao Espírito Santo que a conduz, a necessidade de uma renovação eclesial que implica reformas espirituais, pastorais e também institucionais.
368. A conversão dos pastores leva-nos também a viver e promover uma espiritualidade de comunhão e participação, «propondo-a como princípio educativo em todos os lugares onde se forma o homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar, as pessoas consagradas e os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades» (*Novo millenio ineunte*, n. 43). A conversão pastoral requer que as comunidades eclesiais sejam

comunidades de discípulos missionários ao redor de Jesus Cristo, Mestre e Pastor. Daí nasce a atitude de abertura, diálogo e disponibilidade para promover a co-responsabilidade e participação efetiva de todos os fiéis na vida das comunidades cristãs. Hoje, mais do que nunca, o testemunho de comunhão eclesial e de santidade são uma urgência pastoral. A programação pastoral há de se inspirar no mandamento novo do amor (cf. Jo 13,35).

BENTO XVI

HOMILIA DE INAUGURAÇÃO Da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe 13 de maio de 2007

A primeira leitura, tirada dos *Atos dos Apóstolos*, refere-se ao assim chamado «Concílio de Jerusalém», que considerou a questão se aos pagãos convertidos ao cristianismo dever-se-ia impor a observância da lei mosaica. O texto, deixando de lado a discussão sobre «os Apóstolos e os anciãos» (15,4-21), transcreve a decisão final, que vem posta por escrito numa carta e confiada a dois delegados, a fim de que seja entregue à comunidade de Antioquia (vv. 22-29). Esta página dos *Atos* nos é muito apropriada, por termos vindo aqui para uma reunião eclesial. Fala-nos do sentido do discernimento comunitário em torno dos grandes problemas que a Igreja encontra ao longo do seu caminho e que vem a ser esclarecidos pelos «Apóstolos» e pelos «anciãos» com a luz do Espírito Santo, o qual, como nos narra o Evangelho de hoje, lembra o ensinamento de Jesus Cristo (cf. *Jo* 14,26) ajudando assim a comunidade cristã a caminhar na caridade em busca da verdade plena (cf. *Jo* 16,13). Os chefes da Igreja discutem e se defrontam, sempre, porém em atitude de religiosa escuta da palavra de Cristo no Espírito Santo. Por isso, no final podem afirmar: «Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós...» (*At* 15,28).

Este é o «método» com o qual nós agimos na Igreja, tantos nas pequenas como nas grandes assembleias. Não é simples questão de procedimento; é o resultado da mesma natureza da Igreja, mistério de comunhão com Cristo no Espírito Santo. (...)

«*Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós...*» Esta é a Igreja: nós, a comunidade de fiéis, o Povo de Deus, com os seus Pastores chamados a fazer de guia do caminho; juntos com o *Espírito Santo*, Espírito do Pai, mandado em nome do Filho Jesus, Espírito dAquele que é «maior» de

todos e que nos foi dado mediante Cristo, que se fez «menor» por nossa causa. Espírito Paráclito, *Ad-vocatus*, Defensor e Consolador. Ele nos faz viver na presença de Deus, na escuta da sua Palavra, livres de inquietação e de temor, tendo no coração a paz que Jesus nos deixou e que o mundo não pode dar (cf. *Jo* 14,26-27). O Espírito acompanha a Igreja no longo caminho que se estende entre a primeira e a segunda vinda de Cristo: «*Vou, e volto a vós*» (*Jo* 14,28), disse Jesus aos Apóstolos. Entre a «ida» e a «volta» de Cristo está o tempo da Igreja, que é o seu Corpo, estão esses dois mil anos transcorridos até agora; estão também estes pouco mais de cinco séculos em que a Igreja fez-se peregrina nas Américas, difundindo nos fiéis a vida de Cristo através dos Sacramentos e lançando nestas terras a boa semente do Evangelho.



ESTA PUBLICAÇÃO FOI CONFECCIONADA
PELA DIVISÃO GRÁFICA E EDITORIAL
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

Rua Colônia, Qd.240-C, Lotes 26 a 28, Chácara C2, Jardim Novo
Mundo. CEP 74713-200, Goiânia, Goiás - Fone/Fax: (62) 3946-1803

